



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

Projetos para o Centro Comercial de Aracaju: Palavras Repetidas

Projects for the downtown of Aracaju: repeated words

SILVA, César Henriques Matos e.

Universidade Federal do Sergipe

cesarmatos.br@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta os resultados da coleta e análise de registros jornalísticos (artigos, notícias e opiniões) que versam sobre o centro principal da cidade de Aracaju e sua vida cotidiana, publicados na imprensa local entre 1989 a 2004, como parte de uma tese de doutorado. A leitura de jornais nos permitiu obter um olhar diferenciado a respeito do esvaziamento funcional e simbólico do centro comercial da cidade, concomitante com a produção de novas centralidades e uma acentuada segmentação social. Mais especificamente, este artigo trata de notícias que versam sobre projetos, propostas ou obras de intervenção arquitetônica e/ou urbanística no centro da cidade, com o objetivo de compreendermos de que forma se processaram não apenas as transformações físicas e espaciais, mas também as dinâmicas da urbanidade e do imaginário urbano.

Palavras-chave

Projetos arquitetônicos e urbanos. Centro da cidade. Aracaju.

Abstract

This article is part of a PhD thesis and presents the analysis of journalistic records about the downtown of Aracaju, published in the local press, over the period from 1989 to 2004. The process of reading newspapers allowed us to obtain a different look about the symbolic and functional transformations of the downtown in Aracaju, as well as the production of new urban centralities and a sharp social segmentation. More specifically, this article analyses what the survey found about projects, proposals or architectural and urban interventions in downtown of Aracaju, in order to understand not only the spatial transformations, but also the dynamic forms of urbanity and urban imagery.

Key words

Urban and architecture projects. Downtown. Aracaju.



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

1 A cidade nas páginas dos jornais

A relação entre cidade e jornalismo é simbiótica: as dinâmicas da urbanidade alimentam, mas também delimitam o fluxo de notícias e a própria ação do jornal, ao tempo em que a representação noticiosa sustenta uma imagem da cidade enquanto território em constante mutação e enquanto espaço social vinculado a uma coletividade.

A partir desta interdependência, há um diálogo que reforça o jornal como “forma simbólica da atualidade, do tempo presente, da revelação pública dos eventos em edições periódicas e regulares” (Franciscato, 2005, *apud* Silva Jr., p. 140). Para o autor, não há como desfazer a costura entre cidade e jornalismo, mesmo com as novas configurações urbanas condicionadas pelo avanço tecnológico: “o jornal é uma mídia das ruas, dos espaços urbanos. (...) Muda a urbanidade, muda a forma como a urbanidade se apresenta no jornal” (*op. cit.*, p. 148).

Este artigo é um fragmento da tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA que trata do espaço público urbano enquanto espaço político e, mais especificamente, de sua relação com as recentes transformações urbanas e sociais do centro da cidade de Aracaju. Em linhas gerais, a pesquisa discute as formas de representação da centralidade urbana e das suas *diversas* esferas públicas, assim como busca distinguir os *diversos* sujeitos envolvidos na produção dos muitos discursos, hegemônicos ou não, sobre o centro da cidade e seus espaços públicos. A leitura de jornais nos permitiu obter um olhar diferenciado a respeito do esvaziamento funcional e simbólico do centro principal, concomitante com a produção de novas centralidades e uma acentuada segmentação social.

Apresentaremos aqui os resultados de um procedimento de coleta e análise de registros jornalísticos (artigos, notícias e opiniões) que versam sobre o centro comercial de Aracaju, publicados na imprensa local ao longo de um determinado período: 1989 a 2004.

A metodologia adotada consistiu no levantamento de fontes primárias em um periódico diário local, o Jornal da Cidade, de cujas edições, em um universo amostral, foram coletadas e classificadas todas as referências sobre o centro da cidade: registros jornalísticos ou opinativos sobre fatos e eventos, publicados por articulistas e jornalistas (raramente por cartas de leitores). Foram eleitos quatro períodos anuais, com espaçamento de cinco anos entre eles: 1989, 1994, 1999 e 2004; ao longo de cada um destes espaços cronológicos (janeiro a dezembro) foi feita a leitura apenas das edições de *terça-feira* e *sexta-feira*. A partir disso, foi possível montar um quadro representativo da vida pública no centro da cidade, seu cotidiano, suas imagens e representações.

Neste artigo apresentamos as notícias coletadas que tratam de *projetos e intervenções arquitetônicas ou urbanísticas*, quer sejam oriundas do poder público ou da iniciativa privada¹. Procuramos mostrar a cronologia recente de projetos, propostas ou obras de intervenção arquitetônica e/ou urbanística no centro da

cidade, para compreendermos de que forma se processaram as transformações físicas e espaciais do bairro.

2 Projetos e intervenções no centro de Aracaju

A cidade de Aracaju se constitui em um interessante objeto de estudo como cidade de porte médio. Como capital do estado de Sergipe e seu principal núcleo urbano², a cidade teve um crescimento populacional bastante acelerado nas últimas décadas, não fugindo à regra da maior parte das cidades brasileiras. Ao lado destas transformações – expansão e crescimento urbano –, observamos também o surgimento de novas centralidades urbanas, em parte vinculadas às classes de maior poder aquisitivo, a partir especialmente do surgimento de *shopping centers* a partir do final da década de 80³.

Entretanto, não se pode creditar apenas aos *shopping centers* as transformações que o centro comercial de Aracaju sofreu nas últimas duas décadas, quando apresenta paulatinamente um enfraquecimento da sua vitalidade e heterogeneidade social. Afinal, a partir da década de 80 diversas outras atividades e instituições começam também a deixar o centro da cidade, provocando um processo embrionário de dispersão funcional na malha urbana: além do comércio de alta renda e cinemas (agora nos *shopping centers*), também a estação rodoviária, teatros, universidades, órgãos da administração pública e até a sede do governo migraram para fora do centro, assim como a moradia. São componentes urbanos que, por suas características e qualidades específicas, quando conjugadas numa interessante mistura de funções urbanas forneciam vitalidade ao bairro, e desta maneira conformavam o caráter do centro como espaço de encontro e convívio social, local de moradia, trabalho e lazer.

O que aconteceu no centro de Aracaju a partir dos anos 1990? Como vimos, a dinâmica urbana alimenta o fluxo de notícias da imprensa, e por este motivo vamos abrir as páginas do jornal para nos ajudar a entender a cidade.

As tabelas abaixo nos oferecem um panorama geral das notícias encontradas ao longo do arco temporal citado (1989 a 2004). Constata-se que o centro da cidade passa, a partir da década de 90, por momentos de declínio e decadência, o que vai motivar o poder público (municipal e estadual) a elaborar e executar, neste período, três grandes intervenções físicas de porte na área central: a implantação da *Rua 24 Horas* em 1994, uma tentativa de “manter o centro da cidade vivo”, conforme se lê em uma das notícias; a *reforma e ampliação dos mercados centrais* em 1999; e, no mesmo ano, o chamado “*Projeto de Revitalização do Centro Histórico*”, mais abrangente do que os demais.

Outra intervenção que aparece em evidência em 2004 é a reforma do piso dos calçadões centrais. Trata-se da retificação de problemas advindos da obra realizada cinco anos antes e consistiu na substituição da pavimentação existente que já apresentava diversos defeitos.

De um total de 401 registros jornalísticos sobre o centro comercial coletados na pesquisa, 78 deles se referem ao tema aqui analisado (projetos e intervenções),

conforme tabela abaixo, que nos mostra também a sua distribuição por ano pesquisado.

Tabela 1: Distribuição das notícias sobre *projetos e intervenções*, agrupadas por temas predominantes

	1989	1994	1999	2004	total
Mercado Municipal	-	6	10	-	16
Revitalização do Centro Histórico	-	-	22	-	22
Rua 24 Horas	-	17	-	2	19
Reforma dos pisos dos calçadões	-	-	-	17	17
Memorial da Bandeira	-	-	-	2	2
Reforma da Rodoviária Velha	2	-	-	-	2
Total	2	23	32	21	78

Fonte: Levantamento do autor

2.1 A Rua 24 Horas, o primeiro projeto

Como percebemos, o ano de 1989 não nos apresenta nada muito significativo. As duas únicas menções de projetos de intervenção no centro referem-se a uma reforma do Governo do Estado na chamada Rodoviária Velha, além de pequenas melhorias no terminal de integração de transporte urbano, localizado ao lado.

Em 1994 iniciam-se, de fato, os discursos sobre a necessidade de revitalização do centro e de desenvolvimento do turismo, temas que serão bastante recorrentes nos anos seguintes. O impacto da inauguração em 1989 do primeiro shopping center da cidade, o Riomar, provoca em diversos agentes de produção da cidade a percepção de que o centro da cidade precisa ser revitalizado. O Governo do Estado toma a iniciativa e propõe a criação de uma galeria comercial com funcionamento 24 horas por dia, seguindo o modelo implementado em Curitiba pelo então prefeito e arquiteto Jaime Lerner⁴. A *Rua 24 Horas* seria construída na Rua de Laranjeiras, em lote contíguo e integrado pelos fundos com o Centro de Turismo. Em março de 1994, o Governo do Estado publica um informe publicitário no Jornal da Cidade sobre as suas realizações futuras, no qual cita o empreendimento no item dedicado a cultura e lazer:

(...) construção da Rua 24 Horas, similar à que funciona em Curitiba e que visa a revitalização do centro comercial da capital. Como há um processo



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

crescente de transferência do fluxo de consumidores para os shoppings⁵, o governo pretende manter o centro da cidade vivo. Com isso cria também uma série de novos empregos e oferece mais uma opção para o fortalecimento do turismo em Aracaju⁶.

O discurso do representante dos comerciantes, no caso o presidente da CDL (Câmara de Diretores Lojistas), Max Vasconcelos, mantém o mesmo tom. Em entrevista ao Jornal da Cidade em abril de 1994⁷, ele acredita que a Rua 24 Horas “será o ponto forte do centro de Aracaju, passando a ser a responsável pela revitalização do comércio aracajuano”. Ele aposta no seu sucesso, pois sua localização é excelente e no local serão realizadas “atividades artísticas e culturais”.

Naquele momento, o prazo para conclusão é inicialmente junho de 1994, o que vai ser protelado algumas vezes. Em julho, o Jornal da Cidade noticia, com manchete em primeira página, a visita do governador João Alves Filho às obras⁸, que vai ressaltar a importância do empreendimento, apesar do atraso na sua conclusão, equiparando-o a um *shopping center*. “Esta obra terá um impacto semelhante ao que ocorreu nos anos 70 com a construção da nossa primeira rua de pedestres, o calçadão da João Pessoa⁹”. Para ele, “as vantagens (da Rua 24 Horas) são inúmeras, a começar pela revitalização do centro, que atualmente experimenta o impacto da inauguração do Shopping Riomar, fora da zona central da cidade”. É assim que um “novo *shopping* está nascendo em pleno centro da cidade”, afirma o governador.

Na mesma matéria (em 08/07/1994), o Jornal da Cidade detalha minuciosamente o projeto, cujo texto transcrevemos a seguir:

Com a inauguração da segunda Rua 24 Horas do país, Aracaju ganha mais do que um novo cartão-postal: terá um novo shopping center em pleno centro comercial, dotado de todas as vantagens que acompanham este tipo de empreendimento. A Rua 24 Horas de Aracaju terá um total de 40 lojas distribuídas em dois pisos, desde cafeteria, loja de conveniência, floricultura, farmácias, perfumaria, importadora, bijuteria, frutaria, choparia, lanchonetes, bares, pizzarias, sorveterias, loja de discos, vídeolocadora e Banco 24 Horas. Com uma pracinha central destinada somente às lojas relacionadas com alimentos, a Rua 24 Horas terá também um cinema com 192 lugares, parque infantil, palco para shows artísticos e sanitários modernos e confortáveis. O acesso à parte superior será feito através de escada rolante e escadas. Além das 40 lojas, o projeto também compreende as atuais 28 lojinhas de artesanato do Centro de Turismo.

O empreendimento segue a fórmula de implantar um mix de lojas, típico dos *shopping centers*, cujos ocupantes serão definidos através de uma concorrência pública. Em agosto, a CODISE (Companhia de Desenvolvimento Industrial de Sergipe) informava que 180 empresas se inscreveram para participar da concorrência para ocupar, por 5 anos, as 40 lojas da Rua 24 Horas¹⁰. Havia sido montado um Conselho Normativo para a realização da concorrência, assim como elaborar um regulamento que disciplina as condições de utilização das lojas, áreas e espaços do empreendimento. É o que podemos ler em uma matéria¹¹ de outubro,

que relata o processo de escolha das empresas selecionadas. Este Conselho era constituído por representantes do governo e de entidades representativas, como SEBRAE, Associação Comercial de Sergipe, CDL e outras. Nesta altura, a inauguração havia sido remarcada para dezembro, em função do atraso nas obras.

Finalmente o empreendimento é inaugurado com grande festa no dia 9 de dezembro de 1994, com show de Geraldo Azevedo. O Jornal da Cidade destaca o fato em primeira página com fotos em grandes dimensões e fartos elogios ao governador. Nas páginas de notícias locais, somos informados também de outros detalhes do projeto, como a forma de gerenciamento e a isenção de pagamento de aluguel e impostos por um ano, além da geração de 300 empregos diretos: “durante um ano, os impostos gerados pelos negócios serão revertidos para publicidade e administrados pelo condomínio da Rua 24 Horas”, segundo texto do próprio jornal¹². O Secretário de Obras informa que “como forma de incentivo, o Governo do Estado reverterá os aluguéis, durante um ano, em recursos que serão aplicados no próprio empreendimento. Findo o prazo, os recursos serão destinados às obras sociais (do governo)”. Ele complementa: “com a construção de *shoppings*, o comércio central pede vigor (...) a Rua 24 Horas revitalizará o centro de Aracaju”.

Conforme lemos na mesma matéria, Max Andrade, presidente da CDL demonstra ufanismo e empolgação, ao mesmo tempo em que reforça o discurso de decadência do centro: “Esse novo empreendimento vem revitalizar o centro comercial de Aracaju, que já carecia de um complexo dessa natureza, (...) trará para o turismo mais uma atração”. E finalmente, estampada na primeira página: “a partir de hoje Aracaju se insere no contexto das metrópoles do país graças à visão futurista do governador”.

Nesta edição, o editorial¹³ do jornal ressaltava o “espírito desbravador” do governador e afirmava que a cidade se desenvolvia “a passos de gigante”, atingindo “ares de progresso”: “é o avanço e o progresso que estão de mãos dadas ao consumo e a valorização da moeda forte que é o real”. As declarações ufanistas do editorial não param por aí, finalizando com uma mensagem claramente revestida de sentido político-partidário: este é um “momento-chave para o crescimento econômico e urbanístico. A abertura desta rua tem um conteúdo social, porque surge mais uma opção para as compras (...), e político, porque é mais uma demonstração de competência [do governador] em favor do interesse público”.

Nesta edição de 10 de dezembro encontramos uma página inteira dedicada ao empreendimento com claras características gráficas de um anúncio de publicidade (*lay-out* diferenciado), embora não estivesse assinada nem identificada como tal¹⁴. O teor da página não difere do das demais matérias jornalísticas (contendo uma descrição do empreendimento e explanação das vantagens para a economia e o turismo de Aracaju e, naturalmente, para o centro da cidade), e por isso não cabe aqui repeti-lo.

Após lermos todos estes relatos, cabe perguntar: onde está a Prefeitura Municipal? O prefeito é Almeida Lima, à época adversário político de João Alves Filho, a quem o Jornal da Cidade cita apenas para fazer uma cobrança: no citado editorial, é dito que “sabe-se que os incentivos dados pelo governo são extensos,

necessitando apenas que a prefeitura dê a sua permissão oficial para o funcionamento contínuo¹⁵, necessário para que a cidade atinja os ares do progresso”.

O destino da Rua 24 Horas não foi promissor. Após uma fase efervescente e com intensa movimentação de pessoas, em especial nos bares à noite (inclusive por parte da classe média que andava ausente do centro da cidade desde o aparecimento do Shopping Riomar), o lugar deixa aos poucos de ser novidade e entra em uma fase de decadência depois de 3 a 4 anos, aproximadamente. Assim, na pesquisa amostral de 1999 não foi possível encontrar nenhum registro sobre ela (tabela 1).

Apenas em 2004, com o empreendimento já fechado, podemos ler duas notícias que tratam de uma proposta feita pelo mesmo João Alves Filho, novamente governador do Estado, de construir no local um novo empreendimento, desta vez com maiores dimensões: o chamado *Shopping Aracaju* ocuparia uma área bem maior e exigiria desapropriação de imóveis vizinhos. Em maio de 2004, o Secretário da Indústria e Comércio, Tácito Faro, fala sobre o projeto e afirma que a revitalização da Rua 24 Horas é viável: “além de provocar uma revitalização do comércio da capital, a iniciativa será responsável pela criação de aproximadamente 700 empregos diretos”¹⁶.

O empreendimento iria contar com 104 lojas divididas em três pisos, 6 cinemas, praças de alimentação e eventos, garagens e escadas rolantes¹⁷. Há uma grande demora para o início das obras, conforme noticiado em setembro de 2004, cinco meses depois: “até agora as obras de construção do *shopping* do centro, que vai ocupar o espaço da antiga Rua 24 Horas, não foram iniciadas. (...) Segundo o presidente da CDL, Gilson Figueiredo, as obras não começaram porque o projeto é complexo e de alto custo”¹⁸. Ao fim, este empreendimento não chegou a ter suas obras iniciadas e o projeto foi engavetado.

2.2 Os novos velhos mercados centrais

O ano de 1999 foi marcado pela execução e conclusão dos dois grandes projetos no centro da cidade: o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de Aracaju e a recuperação dos mercados municipais, com a construção de um novo mercado ao lado.

Em face da situação de degradação e superlotação em que se encontravam os mercados centrais de Aracaju, em cujas ruas do entorno vendedores ambulantes e feirantes se espalhavam em barracas, começam a serem gestadas nos anos 90 algumas propostas para a região. Em 1994, o prefeito Almeida Lima alça a proposta de construir um novo mercado na periferia da cidade, possibilitando a refuncionalização dos mercados centrais em espaços culturais e turísticos.

Em 12 de agosto de 1994, podemos ler no Jornal da Cidade que o prefeito havia se reunido com feirantes para apresentar seu projeto “para a construção do que chamou de ‘grande mercado de abastecimento da cidade’. A obra será realizada

num terreno baldio nas proximidades do terminal rodoviário Governador José Rollemberg Leite (Rodoviária Nova)". O prefeito afirma que o novo mercado acomodaria os feirantes e os camelôs que atualmente ocupam a área central de Aracaju, enquanto o mercado central se tornaria um "centro cultural"¹⁹. É perfeitamente possível imaginarmos que, em sendo executado, este projeto esvaziaria aquele espaço urbano (o mercado e seu entorno) da diversidade de manifestações públicas e das possibilidades de sociabilidade ali presentes, enfim, da intensa urbanidade que lhe é característica enquanto espaço público. Não custa lembrar que tudo isto ocorre paralelamente à construção da Rua 24 Horas.

Em ano de eleições para governador, senadores e Presidente da República, percebemos na leitura dos jornais que o periódico assume uma posição política favorável ao grupo político do governador João Alves Filho (PFL), que leva a cabo o projeto da Rua 24 Horas.

Em sendo assim, em uma matéria²⁰ duas semanas depois, o jornal dá voz a feirantes que são contrários à proposta do prefeito Almeida Lima (PMDB). Uma feirante reclama: "este projeto vai prejudicar ainda mais os feirantes (...). Sabemos que tem que ser feito um novo mercado, mas [o prefeito] não tem o direito de nos transferir para a periferia". Outro afirma: "os consumidores vão preferir fazer suas compras nos supermercados do centro, do que lá, num local distante". O candidato ao Governo do Estado apoiado pelo jornal²¹, Albano Franco, é citado na matéria propondo algo diferente. Sua idéia é, a partir de projeto da arquiteta Ana Libório, restaurar e recuperar as edificações dos mercados Antonio Franco e Thales Ferraz, ambos da primeira metade do século XX, construir um novo mercado na área do antigo porto de Aracaju. As três edificações possibilitariam a permanência da função mercado no centro da cidade.

No final do mês de agosto, a Associação Comercial de Sergipe (ACESE) coloca em exposição os dois projetos: "esta iniciativa visa dar um basta na polêmica devido a informações desencontradas por falta de conhecimento dos dois projetos", afirma o presidente da Associação²². Por fim, em setembro, uma nota na coluna Periscópio²³ informa que o prefeito resolveu que só se manifesta publicamente sobre a polêmica após as eleições, pois espera ter o apoio do governo estadual para o seu projeto.

O candidato Albano Franco venceu as eleições para governador e, desta maneira, a sua proposta de manter o mercado no centro foi a escolhida. O projeto começa a ser executado em 1997, com a restauração dos edifícios antigos (mercados Antonio Franco e Thales Ferraz) e, após encerrada esta etapa, com a construção de uma nova edificação, o Mercado Albano Franco.

Cinco anos depois, em 1999, há uma grande quantidade de notícias em função do andamento destes dois grandes projetos no centro da cidade. A construção do novo mercado Albano Franco havia sido concluída, para onde estavam sendo transferidos os feirantes dos mercados antigos, iniciando-se assim, em 1999/2000, a segunda fase do projeto, que visava a restauração destes dois edifícios antigos.

A esta altura, o prefeito da cidade já é João Augusto Gama (PMDB), em relação a quem o Jornal da Cidade tem uma postura crítica. É por isto que, em abril

de 1999, são denunciados vários problemas no processo de retirada dos feirantes dos mercados antigos e sua transferência para o novo, com notícias cujos títulos são: “Centro é palco de vandalismo: feirantes reagem à desorganização da EMSURB depredando lojas” e “máquinas destroem barracos e todos os bens de feirantes”²⁴. O processo de transferência foi bastante conturbado em função da grande quantidade de feirantes a serem retirados, e o jornal explora bastante este fato.

Também em abril de 1999, o Jornal da Cidade publica uma matéria²⁵ (em destaque também na primeira página) sobre o início da licitação para as obras de restauração, incluindo diversas informações sobre o projeto. O objetivo do projeto é o “resgate da arquitetura original”, a desobstrução dos visuais do Rio Sergipe e avenidas próximas ao mercado, além da “criação de áreas de estacionamento, pavimentação do anel viário, urbanização de largos e praças, iluminação interna e externa”, segundo Valmir Soares, secretário executivo do PRODETUR, que complementa:

outra preocupação do governo Albano Franco é a revitalização do centro histórico de Sergipe (sic), a revitalização imobiliária, segurança pública, *animação turística* e fortalecimento das atividades econômicas tradicionais do centro de Aracaju”. (...) “a meta é transformar a defasada estrutura dos dois mercados em algo atrativo, capaz de receber os sergipanos e os *turistas*. A revitalização do centro histórico é preocupação do governo para incrementar o *turismo* de Sergipe” (grifos nossos).

Como se percebe, o turismo se destaca como o principal motivador de um projeto deste tipo.

O novo mercado Albano Franco foi destinado aos produtos hortifrutigranjeiros e similares, funcionando como um mercado tradicional, enquanto os outros dois mercados, ambos com uma arquitetura da primeira metade do século XX, se voltariam mais para turistas, oferecendo artesanato, gastronomia e produtos regionais, assim como restaurantes mais caros. Esta transferência dos feirantes pode ser entendida como uma forma de “varrer para debaixo do ‘tapete’ urbano quaisquer atores e atividades sociais dissonantes dos ideais de sofisticação e consumo cultural que se queria imprimir ao novo espaço dos antigos mercados”, segundo Lima (2002). Para o autor, “tentou-se impor a construção de novas sociabilidades nos espaços públicos do Mercado Central, tornando-os aptos para o consumo e práticas de lazer e turismo ligados às elites”.

2.3 Novamente revitalizar o centro

Como era de se esperar, reencontramos referências ao turismo repetidamente na leitura das muitas outras notícias sobre o Projeto de Revitalização do Centro²⁶. Ele é executado ao mesmo tempo em que os mercados estão sendo restaurados, mas capitaneado pelo Município, ainda que em parceria com o Estado no que tange ao financiamento. Não há, entretanto, quase nenhum diálogo entre ambos os

projetos. O que causa estranheza – ainda que saibamos que isso era decorrente do contexto político-partidário local –, afinal os projetos têm fundamentalmente os mesmos objetivos: melhoria da atratividade turística da cidade e preservação do patrimônio e da identidade local.

Podemos reconhecer estes objetivos na leitura de uma notícia²⁷ publicada em abril de 1999 (com destaque na primeira página), por ocasião do início das obras do projeto. Segundo se lê, as obras de revitalização do centro seriam concluídas em seis meses, com um custo total de 4,2 milhões de reais. Para a arquiteta Kátia Loureiro, do escritório Trama Urbanismo, autora do projeto, a meta é

criar um espaço mais atrativo para a população e turistas. A revitalização urbanística terá intervenção sobre o tráfego; a calçada da Av. Ivo do Prado²⁸ será ampliada com o avanço sobre o rio; as praças Fausto Cardoso e Olimpio Campos serão um pólo de recepção e convivência turística. (...) Vamos homenagear as casas históricas que foram demolidas, resgatando a memória histórica do sergipano e contando a história da cidade ao visitante.

Por outro lado, na mesma matéria, o Secretário Municipal de Planejamento Urbano, Ricardo Nunes, foge do discurso voltado para o turismo e tem em foco algo mais prosaico, na esfera do cotidiano: o pedestre. Ele afirma que o objetivo é “priorizar e proporcionar maior conforto aos pedestres com o alargamento das calçadas, instalações de telefones públicos, criações de espaços públicos e áreas de lazer”, além de reduzir o número de estacionamentos no centro com o aumento das vagas rotativas. Para ele, “a prioridade é do pedestre, pois apenas 20% da população se utiliza de veículos individuais”. O projeto previa também a transformação dos dois trechos iniciais da Rua São Cristovão em rua de pedestre, tornando-se o terceiro calçadão do centro, além das ruas João Pessoa (fechada ao tráfego de veículos em 1978) e Laranjeiras (em 1983).

Entretanto, a preocupação dos empresários ligados ao comércio é com os estes 20% que acessa o centro de carro. O Jornal da Cidade (também com manchete na primeira página) dá voz a um de seus representantes, o presidente da Federação de Dirigentes Lojistas, Max Andrade, para quem o “grande problema” são os estacionamentos, pois “as pessoas evitam vir ao comércio (do centro) pela falta de lugar para estacionar”, sugerindo que, por isso, estas pessoas optam pelos dois *shopping centers*²⁹ da cidade para suas compras. E conclui: “O comércio precisa oferecer lugar para quem vem de carro, resolver problemas ou comprar”, indicando que a proposta de ampliação da Zona Azul (estacionamento rotativo) pode resolver parte dos problemas³⁰.

Em maio de 1999, o então ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca (governo Fernando Henrique Cardoso), vem a Aracaju para a assinatura da ordem de serviço para início de fato das obras. Na matéria³¹ que relata este fato, o Jornal da Cidade informa que o projeto está dividido em duas etapas: na primeira, na área mais restrita do centro comercial, denominada no projeto de Hipercentro, seriam priorizadas e revitalizadas as funções tradicionais de comércio e serviços (o jornal

não detalha que ações seriam essas). Na segunda etapa, haverá intervenções no “centro histórico propriamente dito, visando a *animação turística* de toda a área e o *resgate da memória urbana* da cidade” (grifos nossos). Para reforçar este discurso, o jornal anota a declaração do prefeito João Augusto Gama, para quem o objetivo maior é reverter o atual processo de decadência: “o centro já integra o *roteiro turístico* da cidade e em condições favoráveis, com identificação histórica (*sic*) é capaz de atrair um número maior de *turistas*” (grifos nossos). Qualquer semelhança destas palavras e expressões grifadas com as da declaração da arquiteta Kátia Loureiro, citada anteriormente, não é mera coincidência.

Mas, já no mês de fevereiro daquele ano (1999), uma voz destoava, aparentemente, deste discurso homogêneo. O colunista social João de Barros cobrava a revitalização do antigo Cine Rio Branco:

nesta tão anunciada Revitalização do Centro Comercial de Aracaju, não seria hora das ‘autoridades competentes’ repensarem o destino definitivo do Cine Teatro Rio Branco, transformando-o de uma vez por todas no tão desejado ‘espaço cultural’ que serviria para as diversas manifestações do gênero, bem no coração da cidade? Ou será que estão esperando que o Cine Rio Branco tenha o mesmo destino do Cinema Aracaju, que transformou-se num estacionamento de veículos?³²

Algumas intervenções contidas neste projeto foram objeto de polêmica. Uma delas foi o alargamento das calçadas voltadas para o nascente (ou seja, aquelas que recebiam pela tarde o sol do poente), viabilizadas com a eliminação da faixa da rua destinada ao estacionamento de carros. De início, houve incompreensão por parte de muitas pessoas, incluindo a mídia impressa (em editorial no dia 13 de julho, o Jornal da Cidade afirmava: “até parece que o arquiteto não conhece de nascente e poente”), mas logo ficou esclarecido que este alargamento das calçadas com maior insolação visava justamente possibilitar a arborização das mesmas. Outra grande preocupação dizia respeito à redução de vagas de estacionamento em consequência deste alargamento, mas a previsão de ampliação do número de vagas rotativas parecia satisfazer os usuários de automóvel.

Mas foi a retirada das pedras portuguesas dos calçadões principais, substituindo-as por placas de porcelanato de cor branca, que causou as maiores repercussões negativas na opinião pública. Pudemos encontrar uma série de notícias sobre este assunto publicadas a partir de julho de 1999. Em 27 deste mês, podemos ler que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção Sergipe, entra com uma ação no Ministério Público contra a Prefeitura devido à retirada das pedras portuguesas dos calçadões, alegando que elas fazem “parte do acervo arquitetônico da capital”. A resposta do prefeito Gama, publicada na mesma matéria, é que o piso estaria totalmente desfigurado e não havia como prover a sua manutenção.

De fato, cinco anos depois, este piso teve que ser totalmente substituído por novas pedras portuguesas! É esta obra que vai predominar no noticiário do ano de 2004. Foram 17 notícias sobre este tema, do total de 21. A seguir apresentamos apenas algumas delas, pois, de modo geral, o noticiário se repete bastante, abordando basicamente o andamento das obras, reclamações sobre incômodos etc.

Em janeiro, o colunista Osmário Santos, do Jornal da Cidade, informa: “O prefeito de Aracaju, Marcelo Déda, disse em entrevista à TV Sergipe que, entre as ações que classifica como prioritárias a serem executadas no primeiro semestre deste ano, estão a troca do piso dos calçadões das ruas João Pessoa, Laranjeiras e São Cristovão”³³. Dias depois, o presidente da EMURB³⁴, Sérgio Ferrari, apresenta detalhes da obra.

O novo calçadão terá um design que caracteriza a cultura sergipana, escolhido no concurso realizado pela Prefeitura de Aracaju em que participaram arquitetos de todo o Brasil. A reforma vem providenciar medidas para os problemas (...) como a dificuldade em se realizar a manutenção de limpeza (do piso) e a pouca resistência do piso atual³⁵.

3 Considerações finais

Esta pesquisa nos revelou fragmentos da vida pública de Aracaju ao longo da década de 90 e início dos anos 2000, uma fase significativa na história recente da cidade, quando pudemos identificar fatores que provocaram uma gradual mudança na estrutura urbana e na vida social, induzindo a novas formas de produção da cidade e, especificamente, ao surgimento de novas centralidades e a transformações do centro tradicional.

O turismo comparece como a grande questão que paira por cima das discussões públicas sobre o centro da cidade. Os projetos de intervenção executados no centro de Aracaju nestes últimos anos, como pudemos verificar, tiveram sempre como um de seus objetivos a melhoria da imagem da cidade, inserido-a no rol de cidades que acompanham as transformações do capitalismo contemporâneo, e, em decorrência, a atração de turistas. Em muitas das falas publicadas nos jornais, foram bastante recorrentes palavras e expressões como turismo e resgate da identidade local. De modo geral, entretanto, estas intervenções não buscavam necessariamente reestruturar e diversificar de uma forma mais ampliada as atividades econômicas do centro principal de Aracaju ligadas ao comércio e serviços, nem qualificar os espaços públicos do centro da cidade para atrair grupos sociais diversificados. Apenas de um modo tangencial, em algumas falas sobre “revitalização”, podemos extrair a intenção de buscar o “retorno” das classes mais abastadas para o centro – onde ela, em tese, compartilharia espaços e conviveria com grupos sociais mais heterogêneos.

4 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), através de bolsa de doutorado.

5 Referências bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CHAUI, M. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência contemporânea**. Campinas: Editora da UNICAMP; Aracaju: Editora UFS, 2004.

SILVA JR. José Afonso. **Fluxos de notícias e cidades: redes digitais, urbanidade, e o lugar do jornal**. In: Prysthon, Ângela; Cunha, Paulo (org.). *Ecos Urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 137-152.

LIMA, Sidney Matos de. Saneamento e higiene como signos de uma urbs moderna: uma breve leitura da evolução urbana de Aracaju. In: **TOMO** – Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais / Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, NPPCS/UFS, 2002, No. 5.

¹ Observa-se, entretanto, que todos os registros jornalísticos encontrados na pesquisa amostral se referem a projetos de iniciativa do poder público, ao passo em que a iniciativa privada se absteve de grandes investimentos na área central no período pesquisado (1989-2004).

² Atualmente com uma população de aproximadamente 600 mil habitantes, segundo censo do IBGE (2012).

³ O primeiro *shopping center* da cidade, o Riomar, foi inaugurado em maio de 1989, seguindo-se o Shopping Center Jardins em 1997.

⁴ O governador nesta época era o engenheiro civil João Alves Filho, que publicamente sempre admirou as idéias do arquiteto Jaime Lerner, a quem havia contratado no início dos anos 70, quando era prefeito nomeado de Aracaju, para elaborar o projeto do bairro Coroa do Meio. João Alves Filho governou o Estado por três mandatos, o último no período 2003-2006.

⁵ Equivocadamente usa-se aqui o vocábulo no plural, pois só havia um shopping center em Aracaju naquele momento.

⁶ “Três anos construindo e promovendo o desenvolvimento de Sergipe” (informe publicitário do Governo do Estado). *Jornal da Cidade*, 15/03/1994, p. 12.

⁷ “Obras da Rua 24 Horas em fase de conclusão”. *Jornal da Cidade*, 08/04/1994, p. 5.

⁸ “Governador visita obras da Rua 24 Horas”. *Jornal da Cidade*, 08/07/1994, p. 5.

⁹ Cumpre lembrar que esta obra foi realizada pelo próprio governador, em 1978, quando era prefeito da capital, a partir de projeto também de Jaime Lerner.

¹⁰ “Codise faz seleção para a Rua 24 Horas”. *Jornal da Cidade*, 09/08/1994, p. 5.

¹¹ “Conselho da ‘24 Horas’ aprova projetos. *Jornal da Cidade*, 14/10/1994, p. 7.



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

-
- 12 “Rua 24 Horas é a segunda do país”. *Jornal da Cidade*, 10/12/1994, p. 5.
- 13 “Espaço comercial”. *Jornal da Cidade*, 10/12/1994, editorial, p. 4.
- 14 “Rua 24 Horas: um novo espaço de lazer e compras”. *Jornal da Cidade*, 10/12/1994, p. 15.
- 15 A aprovação para o funcionamento das lojas durante toda a noite já havia sido, entretanto, aprovada pela Câmara Municipal em novembro, conforme podemos ler na edição do *Jornal da Cidade* de 29/11/1994 (a seguir, no eixo atividades terciárias). Provavelmente o editorial está aqui fazendo referência à sanção do prefeito a esta modificação na Lei Orgânica municipal, ainda pendente.
- 16 “Shopping Aracaju: comércio será revitalizado”. *Jornal da Cidade*, 25/05/2004, p. B-4.
- 17 “Lojistas cobram a obra do shopping”. *Jornal da Cidade*, 02/09/2004, p. B-3.
- 18 *Idem*, 02/09/2004, p. B-3.
- 19 “Projeto”. *Jornal da Cidade*, 12/08/1994, p. 4.
- 20 “Projeto para novo mercado não é aceito”. *Jornal da Cidade*, 23/08/1994, p. 9.
- 21 Como já vimos, a família Franco é proprietária do *Jornal da Cidade*.
- 22 “Empresários discutem projetos de mercado”. *Jornal da Cidade*, 30/08/1994, p. 5.
- 23 “Na espera”. *Jornal da Cidade*, 02/09/1994, coluna Periscópio, p. 4.
- 24 Notícias de 20/04/1999, p. B-9, e 23/04/1999, p. B-9, respectivamente. EMSURB é a Empresa Municipal de Serviços Urbanos.
- 25 “Mercados vão ser restaurados”. *Jornal da Cidade*, 09/04/2004, p. B-13.
- 26 Da mesma forma, aliás, como as encontramos no noticiário sobre a Rua 24 Horas, em 1994.
- 27 “Reforma do centro inicia este mês”. *Jornal da Cidade*, 07/04/1999, p. B-9.
- 28 Ela se refere à trecho da chamada Rua da Frente, um espaço público forte do início da história da cidade, e que naquele momento funcionava basicamente como via de tráfego, apesar da localização privilegiada às margens do Rio Sergipe.
- 29 Naquele momento, em 1999, a cidade já tinha um segundo shopping center, o Jardins, inaugurado em 1997.
- 30 “Revitalização tem que ser bem realizada”. *Jornal da Cidade*, 12/05/1999, p. B-1.
- 31 “Revitalização – ministro assinará ordem para as obras”. *Jornal da Cidade*, 12/05/1999, p. B-4.
- 32 Barros, João. “Viva o centro”. *Jornal da Cidade*, 02/02/1999, coluna João de Barros, p. C-13.

33 Santos, Osmário. Sem título. Jornal da Cidade, 06/01/2004, p. C-4.

34 Empresa Municipal de Urbanização.

³⁵ “Calçadas – EMURB discute a obra”. Jornal da Cidade, 23/01/2004, p. B-5.